

FERNANDO VILLODO / FACTOS

**Há uma pulsão
permanente,
todos cobiçam
todos, com
todos os meios
possíveis**



Tetralogia portátil

Na “Ring Saga” que a Casa da Música apresenta este fim-de-semana, o colossal ciclo wagneriano “O Anel do Nibelungo” é abreviado para apenas nove horas e 18 instrumentistas. Uma Tetralogia itinerante que promete refrescar as ideias sobre a obra e chegar a novos públicos. *Cristina Fernandes*

A monumentalidade desmesurada faz parte do imaginário associado à produção de Wagner e aos seus extraordinários dramas musicais: o som denso e luxuriante da orquestra, cantores com capacidades vocais e resistência fora do comum, óperas que atingem quatro horas de duração, a aura de culto associada ao Teatro de Bayreuth e às condições interpretativas excepcionais que proporciona. Todas estas vertentes estão ausentes da versão condensada da Tetralogia que a Casa da Música vai apresentar este fim-de-semana, mas os responsáveis pelo projecto “Ring Saga” garantem que a narrativa da epopeia e a força musical e teatral das quatro óperas que compõem o ciclo “O Anel do Nibelungo” foram preservadas. Em vez das 15 horas de duração da composição original, o prólogo e as três jornadas do ciclo (“O Ouro do Reno”, “A Valquíria”, “Siegfried” e “O Crepúsculo dos Deuses”) vão ser interpretadas em apenas nove horas, permitindo a sua apresentação num único fim-de-semana. A orquestração foi reduzida para um ensemble típico do século XX (com apenas 18 instrumentistas), pelo que os cantores não terão de lutar com uma gigantesca orquestra sinfónica.

O projecto “Ring Saga”, de vocação itinerante – outro conceito aparentemente pouco compatível com o tradicional universo wagneriano – retoma a adaptação da Tetralogia encomendada pela Ópera de Birmingham no início da década de 90 ao compositor Jonathan Dove e ao encenador Graham Vick. Na época, o actual director artístico da Casa da Música, António Jorge Pacheco, tomou conhecimento da iniciativa e ficou fascinado com a ideia. Alimentou o sonho de pôr em prática algo semelhante em Portugal, mas a oportunidade só surgiu recentemente. Há quatro anos, por ocasião de uma visita ao Porto, o encenador e produtor Antoine Gindt (director do T&M-Paris, instituição que tem colaborado várias vezes com a Casa da Música) manifestou a mesma vontade e ambos embarcaram nesta aventura, apenas possível no âmbito de uma grande co-produção internacional.

“Falámos com a Cité de la Musique de Paris, que aderiu logo, pelo que se formou uma base propícia para encontrar outros parceiros”, contou António Jorge Pacheco ao Ípsilon. O Remix Ensemble e o maestro Peter Rundel constituíram desde o início um dos pilares do projecto, tendo sido depois reunida uma equipa de técnicos e de cantores. Uma das grandes novidades desta Tetralogia é o seu carácter itinerante, apoiado pela dimensão reduzida do efectivo instrumental e por um dispositivo cénico facilmente adaptável a diferentes tipos de salas de espectáculos. Depois do Porto, a “Ring Saga” passará até ao final de 2011 pelo Festival de Música de Estrasburgo, pela Cité de la Mu-

sique de Paris, pelos teatros de Saint-Quentin-en-Yvelines, Nîmes e Caen, pelo Grande Teatro do Luxemburgo e pela Ópera de Reims.

“As interrogações sobre o papel do teatro lírico na sociedade contemporânea (tal como Wagner no seu tempo as colocou) levaram Graham Vick e Jonathan Dove a realizar esta adaptação do ‘Anel’ com grande sentido prático, mas também com grande respeito pela obra e com alta competência músico-dramática”, explica o director artístico da Casa da Música. Nesse trabalho procuraram suprimir situações redundantes, como duas das três questões colocadas por Wanderer a Mime em “Siegfried” ou a cena das Normas de “O Crepúsculo dos deuses”, já que esta relata o que já foi dito noutras passagens da obra. “Esta versão não substitui o original, que está vivo e recomenda-se, nem é isso que se pretende”, refere Pacheco. “Trata-se de um exercício diferente que propomos ao público, sobretudo ao público do Porto, que nunca teve, nos últimos 70, 80, 90 anos, oportunidade de assistir na cidade a uma ópera de Wagner.”

A colossal orquestra wagneriana foi reduzida a um pequeno ensemble que inclui um quinteto de cordas, madeiras e metais sem duplicações, um órgão, uma harpa e um percussionista. “À primeira vista a ideia parece um pouco chocante, porque Wagner é também apreciado pelo som opulento da sua orquestra, mas logo que vi a partitura do arranjo recordei-me do repertório que se cultivava no círculo de Schönberg no âmbito da Associação para as Apresentações Musicais Privadas”, explicou o maestro Peter Rundel. “O objectivo era interpretar com uma formação reduzida obras orquestrais de maiores dimensões. Lembro-me de dirigir esse repertório, que aliás o Remix já tem tocado, e de este me despertar grande admiração, pois esse tipo de redução exige decisões ao nível da composição e da instrumentação que colocam a obra sob uma outra luz.” Para Peter Rundel, o grande desafio é tornar audível tanto quanto possível a textura original e procurar dar corpo às cores e ao som específico do compositor em questão, deixando de lado a eventual marca pessoal de quem realiza o arranjo. “Trata-se de uma espécie de ‘interpretação composta’ no sentido que Hans Zender usou a propósito do seu arranjo da ‘Viagem de Inverno’ de Schubert”, diz o maestro.

Tudo está no “Anel”

Wagner levou mais de um quarto de século (desde 1848 a 1874) a conceber a Tetralogia. Baseou-se em várias fontes da mitologia germânica e nórdica para escrever o libreto, que condensa um grande número de histórias onde Deuses, Gigantes, Anões e outros seres vão dando lugar a um elemento humano crescente. Entre as múltiplas leituras da obra, é central a parábola

política da tragédia da vontade de poder. O Anel, um dos objectos simbólicos da Tetralogia, foi forjado com o ouro que o Nibelungo Alberich roubou às filhas do Reno. Ao seu possuidor garante-se poder ilimitado sobre o mundo, mas em troca este terá de renunciar ao amor. A luta pelo poder do Anel é um dos motores da acção, mas a sua maldição trará a desgraça e a destruição a todos os que o possuam.

“É uma obra complexa, mas a ideia é torná-la simples através de uma encenação eficaz e de ideias fortes que levem a uma reflexão profunda sobre temas sempre actuais”, diz Antoine Gindt, produtor da “Ring Saga” e responsável pela encenação. “Tudo se pode contar com o ‘Anel’, e isso é extraordinário. O tema principal é a cobiça, que está em toda a parte: na cobiça do outro, da riqueza, mas também no desejo de poder ou na atracção sexual... Há uma pulsão permanente, todos cobiçam todos, com todos os meios possíveis. É também uma história de bandos, o bando dos deuses contra o bando dos anões, cada qual lutando pelo governo do mundo.”

Num primeiro momento, Gindt procurou a dimensão intemporal dos mitos – “conhecemos os mitos gregos e romanos, mas não sabemos muito sobre as mitologia germânica e nórdica” –, mas nunca quis dar demasiadas chaves de leitura, pois trata-se de uma peça que conduz a múltiplas interpretações. “Não queria impor a minha opinião, mas deixar um campo aberto à reflexão. Quis fornecer ideias

frescas sobre a música e o teatro, fazendo uso de tecnologias como o vídeo e as artes digitais. O próprio Wagner quis usar nova tecnologia no seu teatro, estava muito actualizado.”

O encenador sublinha que a novidade do projecto está mais na forma de produção do que no conteúdo. Apostou num cenário único e evolutivo, numa relação forte entre o palco e a orquestra e na utilização das tecnologias actuais de imagem e som para criar uma sensação de envolvimento do espectador com a cena. “O cenário é um sistema formado por uma parte inferior, uma superfície e uma parte superior, quase como no teatro barroco”, explica. “Permite evocar o fundo do Reno, o cume de uma montanha ou descer a Nibelheim. A ideia de verticalidade é essencial no ‘Anel’ e como a produção vai passar tanto em salas de concertos como em teatros este dispositivo comum permite que os cantores tenham sempre as mesmas referências”.

Para Antoine Gindt esta versão da Tetralogia é “uma espécie de análise

da obra de Wagner”, tanto no plano teatral e cénico como musical. António Jorge Pacheco relembra que “Karanjan escreveu um artigo onde defende que Wagner devia ser encarado como música de câmara, pois de outra forma não se percebe a textura”, rompendo assim em parte com a tradição germânica das grandes massas sonoras. É possível que os wagnerianos mais puristas recusem este tipo de exercício, mas isso não preocupa os mentores do projecto. “Wagner desejava um público popular, inocente e capaz de se deixar fascinar por coisas que nunca viu nem aprendeu, embora posteriormente a recepção do seu teatro musical tenha tomado outros rumos”, diz Antoine Gindt. “Além do mais creio que o projecto ‘Ring Saga’ se aproxima do ‘festival cénico’ idealizado por Wagner, para quem unir uma comunidade em torno de um acontecimento excepcional era uma das funções da arte.”

Ver agenda de concertos pág. 30 e segs.

“Wagner desejava um público popular, inocente e capaz de se deixar fascinar por coisas que nunca viu nem aprendeu, embora a recepção do seu teatro musical tenha tomado outros rumos”

Antoine Gindt, encenador